



Roberta Soares Bucheler

MEMÓRIAS QUILOMBOLAS

*A história de uma comunidade
de remanescentes de quilombo
no Sul de Santa Catarina*





MEMÓRIAS QUILOMBOLAS

*A história de uma comunidade de remanescentes de
quilombo no Sul de Santa Catarina*

Expediente

Universidade Federal de Santa Catarina
Centro de Comunicação e Expressão
Departamento de Jornalismo
Trabalho apresentado à disciplina de
Projetos Experimentais em 2º/2017
Orientadora Prof.^a Flávia Guidotti
Acadêmica Roberta Soares Bucheler

MEMÓRIAS QUILOMBOLAS

*A história de uma comunidade de remanescentes de
quilombo no Sul de Santa Catarina*

Roberta Soares Bucheler

Florianópolis, 2017



À Maurílio Machado e toda a
Comunidade de Remanescentes de
Quilombo do Morro do Fortunato.



“Aqui vocês vão encontrar pessoas humildes, simples, que têm pouco a oferecer, mas o pouco que tem para oferecer é de coração”.

Maurílio Machado, Presidente da Associação de Moradores da Comunidade



Prefácio

No município de Garopaba, litoral Sul de Santa Catarina, existe, há mais de 100 anos, uma Comunidade de Remanescentes de Quilombos. Formada por descendentes do ex-escravo Fortunato Justino Machado, seus integrantes buscam o reconhecimento de suas conquistas, sejam de direitos ou de cidadania. Vivem em busca da afirmação de uma identidade característica, que tem seus hábitos e costumes baseados no passado escravista de seus antepassados. O tempo passa e as memórias da época da sua formação vão sendo esquecidas. É preciso que sua história seja registrada, mas, acima de tudo, é preciso torná-la visível. Que as próximas páginas sejam uma quebra de 'pré-conceitos' estabelecidos em pensamento e imaginação sobre como é um quilombo contemporâneo.

Recordações Históricas

“Meu bisavô Fortunato Justino Machado, que fundou a nossa comunidade, foi um homem rico. No começo, quando veio morar aqui no morro, foi tudo difícil para ele, passou dificuldade para criar os filhos. Mas depois se tornou um homem rico porque aqui tinha mais de 20 mil pés de café”.

Maurílio Machado

As terras no alto do Morro do Fortunato, em Garopaba, guardam a história de trabalho e união de uma comunidade formada há mais de 100 anos. Unida pela origem em comum pela descendência do escravo Fortunato Justino Machado, foi registrada como Comunidade Remanescente de Quilombos pela Fundação Cultural Palmares em 2007.



Em contraste com a cor negra da pele, os olhos azuis de João Fortunato Machado revelam a origem da comunidade. Herança genética do seu avô Fortunato, de quem carrega também o nome, a cor de seus olhos refletem a relação de miscigenação entre os descendentes de escravos trazidos da África e os descendentes de Europeus.



Segundo Seu Maurílio Machado, bisneto de Fortunato, a história começou quando Marcos Vieira, homem branco, envolveu-se com sua escrava Joana com quem teve um filho: Fortunato Justino Machado. Negro de olhos azuis, o menino revelava o caso extraconjugal do senhor, que para escondê-lo deu terras afastadas à escrava e ao filho, essas que deram origem ao grupo.



Os pés firmes na estrada de chão batido e o andar tranquilo refletem o orgulho de pertencer àquelas terras, a herança que foi deixada e que continua preservada. Diferente de algumas comunidades quilombolas, a do Morro do Fortunato não precisou lutar para ter a posse de terrenos, já que foi registrada em documentos pelo fundador.



Já Seu Natalino Machado, neto de Fortunato, conta que as terras eram cobertas de plantações de café, o que fez com que o ex-escravo adquirisse riquezas. Homens brancos de Garopaba subiam o morro para pedir dinheiro emprestado a Fortunato. E as plantações de café — que eram as que mais utilizavam mão de obra escrava no Brasil —, do Morro do Fortunato pertenciam a um ex-escravo, que fez delas a sua maior renda.



Fortunato nasceu em 1868 e faleceu aos 69 anos de idade. Retratado como um homem trabalhador e muito forte, tinha habilidade com a madeira. Derrubava árvores com machado e usava um serrote para construir casas e móveis. Ferramenta esta que foi guardada pelos seus descendentes e é mostrada com orgulho.



O patriarca já tinha 20 anos quando a Princesa Isabel assinou a Lei Áurea e deu fim à escravidão. Casou-se com Luisa Cristina da Conceição, também ex-escrava, e tiveram oito filhos. Os homens receberam, entre o primeiro nome e o sobrenome da família, o nome do pai; e as mulheres, o nome da mãe.



Um grupo. Um só sobrenome. Uma família.
Característica da qual se orgulham e que os
diferenciam de outras comunidades de
remanescentes de quilombos.



No Morro do Fortunato são todos parentes, cerca de 150 moradores com o sobrenome Machado. Ali, em uma faixa de terra com cerca de 700 metros de comprimento por 200 metros de largura, tentam ao máximo preservar o legado deixado pelos antepassados.



E para que os valores de união e persistência sejam passados, e a comunidade continue a crescer no sentido de ter sua identidade reconhecida, os moradores se juntam no centro comunitário para assembleias gerais, tomando decisões coletivas.

ROTEIROS CULTURAIS DA COSTA CATARINA

COMUNIDADES TRADICIONAIS, PRODUTOS E SERVIÇOS COM IDENTIDADE CULTURAL



REALIZAÇÃO: ASSOCIAÇÃO DE DESENVOLVIMENTO TERRITORIAL COSTA CATARINA, PROJETO BOM DIA. BR.

INTERMEDIÁRIA DE APOIO: EMPARTE (EMPRESA DE PESQUISA E AGROPECUÁRIA) / PROSP / CEMO / UFSC / UNESC / ANA / PREFEITURAS DE GAROPABA, MOURÃO E PAULO LOPES. INICIATIVA DE: IPE (INSTITUTO DE PESQUISA E AGROPECUÁRIA) / UNESC / UFSC / UNESC / ANA / PREFEITURAS DE GAROPABA, MOURÃO E PAULO LOPES.



As histórias são memórias. Não precisam de papel para que se mantenham vivas. Foram passadas de pais para filhos, de geração para geração.

“Meu avô contava para o meu pai, que aí me contou. A gente sempre conversou com os mais velhos”.

Natalino Machado





Lembrança cultural

“Plantava-se de tudo, o que plantava dava. Aipim, abóbora, feijão, milho. O que plantava colhia. Era cana também, pra fazer açúcar e pra fazer cachaça. A gente tinha engenho e fazia muita farinha. Mas o tempo derrubou ele. Agora a gente tá tentando levantar outro, pelo menos para visitaçãõ”.

Maurílio Machado

O desejo de preservar os hábitos e costumes dos antepassados para que a cultura não fosse perdida pode ter sido, mesmo que inconscientemente, um dos motivos pelos quais a linhagem familiar da comunidade foi marcada por casamentos consanguíneos entre primos, como é o caso do Seu João, que casou com sua prima-irmã.



“Hoje já tá mais misturado. Mas antes eu acho que os homens daqui se apaixonavam pelas primas porque eram umas negras muito bonitas, então eles casavam pra não saírem daqui”.

Maurílio Machado



As saídas são protegidas por uma singularidade. Quando um morador sai da sua casa no morro ela permanece fechada até ele voltar ou algum descendente dele quiser morar no local. As casas não são alugadas nem vendidas.



O tempo passa e os costumes se transformam. O carro-de-boi, que antes ajudava no trabalho na roça, hoje fica guardado em um rancho apenas como lembrança dos tempos em que o trabalho braçal era mais exigido.

“Agora tem poucos trabalhando na roça, é mais fora né, eles não querem trabalhar no morro, na roça”.

João Fortunato Machado



As vastas plantações da roça, que incluíam o cultivo de café, cana-de-açúcar, milho e feijão, hoje se resumem a uma horta e um bananal. E por mais que o tamanho tenha mudado, a maneira orgânica de produzir os alimentos para subsistência e renda, permaneceu. Sem agrotóxicos, as verduras e bananas fazem parte da alimentação dos moradores, vendidas de porta em porta e fornecidas através de uma licitação para o Governo abastecer creches e escolas da região.



A valorização dos alimentos que a comunidade produz também conta com a paixão pela culinária, que uniu Maria da Glória, Maria de Lurdes, Mercedes e Rosilene. O grupo chamado Doce do Fortunato encontra-se às segundas, quartas, sextas e sábados para a produção de doces e biscoitos.



O cheiro amanteigado vindo da cozinha do salão comunitário entrega que os doces e biscoitos estão em produção. Sem muitos equipamentos profissionais, o processo é mais demorado e exige certa força.



“O nosso sonho é comprar uma batedeira industrial. A gente começou a fazer doce para ter uma renda extra, mas agora queremos conseguir viver só disso. Chega de trabalhar para os outros”.

Mercedes Machado



Geléia de Batata
e pimenta
Fab. 01/05/2019
Vol. 2anos

INFORMAÇÃO NUTRICIONAL
Porção 100g

	Porção	%VD*
Energia	100 kcal	20%
Carboidrato	25g	5%
Proteína	1g	2%
Gordura	0g	0%
Fibra	0g	0%
Água	75g	15%

*Valores aproximados

Geléia de Amor

Geléia de maçã
e gengibre
Fab. 01/05/2019
Vol. 2anos

DOCE DE BANANA
Delícia na Mesa

Geléia de Tangerina
e gengibre
Fab. 25/05/2019
Vol. 2anos

Outra herança dos antepassados é a fé na Igreja Católica e no padroeiro da comunidade, São Lourenço. O patriarca Fortunato batizou um de seus filhos com o nome do santo.

“Louvamos teu martírio, Lourenço, Santo irmão, pedindo que da igreja escutes a oração”.

Liturgia das horas



Os movimentos rápidos do corpo e o sorriso no rosto não escondem a energia e a alegria que a música transmite. A dança se transformou com o passar das gerações, das cantigas de roda à famosa zumba. As mulheres da comunidade se encontram toda semana para dançar, unindo atividade física e lazer.



Os garotos divertem-se correndo atrás da bola no chão de areia. Sob os olhares dos mais novos, encontram no campinho de futebol um espaço de socialização e passatempo.





Pensamento social

“Antigamente tinha muito baile. O salão era dividido por uma corda, tinha uma porta para os brancos entrarem e outra porta para os pretos. Era a mesma música, mas ninguém dançava junto, era tudo separado. Aí teve um dia que um preto cortou a corda. Acredita que mesmo assim continuaram os brancos em um lado e os pretos no outro? Até que um dia um preto pegou uma mulher branca para dançar, aí foi se misturando”.

Maurílio Machado

O preconceito era evidente. O passado escravista mesmo depois de anos da abolição ainda assombrava. Brancos e negros trabalhavam juntos na roça, mas, nos espaços de lazer, era cada um no seu canto.



O racismo, que antes era frequente e visível, hoje não faz mais parte do cotidiano. “Antes tinha preconceito, agora não. Antes não misturava preto com branco, agora até se casam. O pessoal de fora gosta muito de vir aqui, eles falam que o lugar é muito bonito”.

João Fortunato Machado



A comunidade recebe visitas toda a semana. São grupos de turistas, pesquisadores e alunos de escolas de todo o estado. Os visitantes são recebidos por Seu Maurílio, que os leva para conhecer cada cantinho do morro e conta as histórias dos remanescentes. Uma aula de cultura e história vivenciada ali mesmo, com uma recepção alegre e atenciosa.



Além dos turistas, atualmente o grupo recebe visitas mensais de médicos da região, que sobem o morro para atender e facilitar que os mais velhos cuidem da saúde.

“Antes era só lá embaixo no postinho. Sabe, o que incomoda é doença, estando com saúde, para nós tá tudo bem”.

João Fortunato Machado



A Festa de São Lourenço é mais uma tradição da comunidade. Ela acontece todos os anos, no mês de setembro, em um sábado e domingo. Com bingo, músicas e danças, a comunidade prepara a festa durante dias.



Em uma clareira, a estrutura começa a ganhar forma dois dias antes da festa. Os homens da comunidade juntam-se e concretam a pista de dança, que vai embalar o evento na noite de sábado.



Famosa em Garopaba, a festa chega a atrair 2 mil pessoas por edição. De Florianópolis, Criciúma, Tubarão, todos os visitantes de fora são recebidos de forma acolhedora. A abertura do evento é uma missa católica em homenagem ao padroeiro.



A atração principal fica por conta do bingo após a missa. E aquele prêmio que todo mundo espera, o último, não poderia fugir das origens e tradições da comunidade. O boi é a cartela cheia da noite.



No domingo, um almoço é preparado pelas mulheres do grupo, com alimentos produzidos ali mesmo na comunidade. Depois a festa segue com apresentações musicais e à tarde é servido o café.



Um povo simples, que apesar de toda a luta e preconceito sofrido não se vitimiza. Um povo alegre que gosta de celebrar a vida.



Carregam os traços genéticos de seus antepassados de origem africana. Porém, preferem evidenciar na forma de viver, não o sofrimento e as dificuldades do passado, mas as conquistas que vieram depois da batalha por reconhecimento e respeito.





